

AS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA
ENTREVISTA A RACHEL BERTOL, PARA O BLOG DO PROSA & VERSO
(O GLOBO)

Divulgada em 13 de abril de 2009, às 9h50

[Evando Nascimento e as experiências de leitura](#)



Entre o prazer e a obrigação, onde se situam as experiências de leitura de leigos e de profissionais do texto no mundo contemporâneo? Em *Leitura e experiência* (Annablume, 2007), alguns acadêmicos brasileiros discutem o tema, combinando reflexões e testemunhos pessoais. Organizador do volume, em parceria com Maria Clara Castellões de Oliveira, o professor da UFJF Evando Nascimento diz que ele abre espaço para abordagens diversas, reunindo tanto reflexões teóricas sobre o ato de ler quanto discussões sobre a falta de acesso a livros e à palavra escrita no Brasil atual.

RACHEL BERTOL – Por que a vontade de realizar o livro *Leitura e experiência*: qual o interesse em reunir os *testemunhos* de diferentes professores e críticos universitários sobre a leitura? Do jeito que o livro se apresenta, podemos dizer que vocês se basearam numa definição de *leitura* cujo sinônimo é a interpretação?

EVANDO NASCIMENTO – A motivação geral do volume foi poder teorizar, comentar e pôr em prática essa grande questão da leitura. Estavam em pauta dois sentidos para o termo. O primeiro é o sentido elementar do ato de ler e que foi teorizado de modo um tanto ficcional por Ricardo Piglia no belíssimo *O Último leitor*, uma das referências fortes dessa coletânea. Ler nunca é uma atividade simples, sobretudo num país de tantos analfabetos como o nosso, pois implica toda uma política educacional, que em nosso caso é muito precária.

O segundo sentido, provavelmente o que predomina no livro, é o da leitura especializada, aquela feita por profissionais treinados para ler e discutir uma obra literária ou qualquer objeto cultural de modo crítico. Creio que esse segundo sentido é, até certo ponto, sinônimo de interpretação, como você propõe. Ou seja, todo ato de leitura, mesmo o mais neutro, implica um forte investimento subjetivo, um repertório de leituras, que acaba por influenciar o modo como, por exemplo, interpretamos hoje a obra de Machado de Assis, que certamente difere do modo como seus contemporâneos interpretaram. Para falar como os teóricos da recepção, diria que nosso horizonte de expectativas se modificou de um século a outro; até a visão que temos da literatura se alterou.

RB – Nesse sentido, o que podemos dizer da distância entre interpretação e metodologia? Finalmente, as “leituras” dos acadêmicos – ou seus testemunhos sobre leitura – não deixam, também, de serem esforços de adequação metodológica?

EN – Não vejo distância entre interpretação e metodologia. Todavia, quanto à segunda parte de sua pergunta, eu diria que até certo ponto, sim. Desde que não se entenda a palavra método de maneira rígida. Toda leitura especializada supõe algum método, de outra forma ela não se sustenta. Mas nem toda metodologia vem explícita. Muitas vezes a metodologia – ou, como se diz, o pressuposto metodológico – de um autor só é perceptível por alguém que a conheça também, já que pode estar dissimulada nas informações, no estilo, no conteúdo etc. Os participantes do livro têm formações extremamente diversificadas: alguns são ligados à estética da recepção (de origem alemã),

outros ao pensamento francês recente (Derrida, Foucault, Barthes, Deleuze), outros ainda fazem referência ao Harold Bloom de *Angústia da influência*, um livro que marcou época, como há também os que se vinculam aos chamados estudos culturais (de origem anglo-americana).

Já a palavra *testemunho*, que você utiliza de modo bastante adequado, diz respeito ao fato de que foi solicitado a cada crítico-leitor que não apenas lesse ou comentasse algum assunto, mas que também expusesse sua forma de leitura, ou o que você está chamando de método. Importava saber quais os valores implicados no ato de ler, por que se escolhe esse ou aquele objeto, essa ou aquela referência teórica, e assim por diante. Em alguns casos, foram feitos relatos biográficos sobre as primeiras leituras que se realizaram.

RB – O que achou da diversidade de textos a respeito da questão? Como avalia a importância (o sabor) do livro?

EN – Acho que uma das grandes qualidades do livro é de fato sua diversidade. Desde o início, não interessou aos organizadores fechar em torno de uma única postura teórica-crítica. Inclusive foi solicitado aos colaboradores que, tanto quanto possível, fizessem textos agradáveis de serem lidos, justamente por causa da singularidade do tema. Era preciso pôr em prática o que Barthes chamou de *saber com sabor*, ou seja, que nosso saber universitário fosse revestido de um grande prazer na escrita, a ser refletido por aqueles que eventualmente leiam os ensaios. Não há contradição alguma entre rigor acadêmico e prazer ou gozo textual. Espero que o objetivo tenha sido atingido, mas isso só nossos caros leitores poderão dizer... Chamaria também a atenção para o próprio título: trata-se de leitura como experiência única e insubstituível para o aprendizado humano. Quem não lê bem, em sentido amplo, dificilmente dá conta de suas próprias experiências. Além disso, uma escrita de qualidade depende diretamente das leituras que se fazem.

RB – Por que o subtítulo “teoria, crítica, relato”? A que se referem, nos artigos?

EN – Cada um desses termos se encontra operacionalizado nos artigos. Evidentemente alguns textos são mais teóricos, como o de Maria Antonieta Borba, o de Idelber Avelar e o meu próprio. Outros foram concebidos mais como leitura crítica de obras e de objetos culturais, como é o caso do ensaio de Maria Clara Castellões de Oliveira (sobre Woody Allen), de João Cezar de Castro Rocha (sobre Machado) e de Evelina Hoisel (sobre Silviano Santiago). Outros, por fim, são mais marcados pelo cunho de certo relato sobre experiências com o próprio ato de ler, tal é o caso de Eliana Yunes (a partir de Monteiro Lobato), de Rachel Lima e de Wilberth Salgueiro. Mas é preciso ver que muitas vezes esses três aspectos se encontram entrelaçados, embora um deles predomine: isso ocorre nos textos de Sérgio Medeiros (sobre cultura xavante) e de Valdir Prigol (sobre Bernardo Carvalho).

Para resumir, o volume só daria conta da tarefa de falar sobre leitura hoje se trouxesse teorias contemporâneas sobre a questão, como também alguns exercícios críticos que pusessem essas teorias em prática e, finalmente, depoimentos sobre o que é ler ou mesmo sobre como ler a partir de certa perspectiva. Com isso, queríamos abrir o tema, evitando qualquer perspectiva dogmática. Pode-se dizer que esse não é um livro nem sobre desconstrução, nem sobre teoria do efeito estético, nem sobre multiculturalismo, ou qualquer outra vertente teórica-crítica; entretanto, um pouco de cada uma delas, sem cair em ecletismo, aí se encontra veiculado.

Esta entrevista se encontra também disponível no Blog do “Prosa & Verso”:

<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/>